

KINTE

Rosângela Aparecida Cardoso da Cruz¹

A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda.

A vida era a mistura de todos e de tudo.

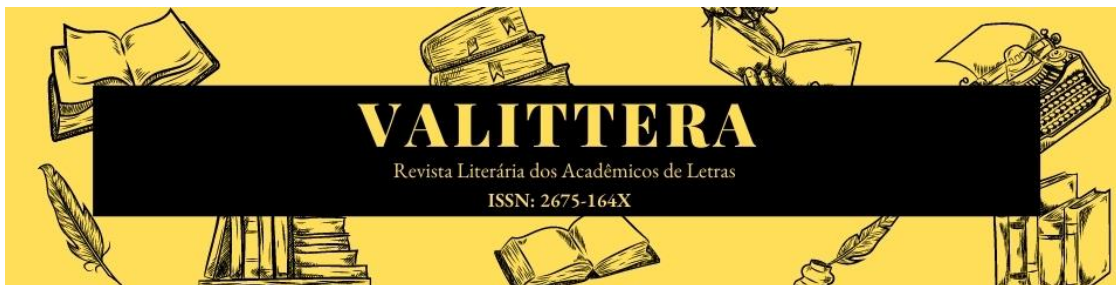
Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser

(Conceição Evaristo in Ponciá Vicêncio)

Era já avançado da noite quando um choro explodiu, rasgando o silêncio da noite, a lua em sua imensidão de cheia se fazia alta no céu, como se contemplasse a chegada da pequena. Durante todo o dia, Kinte trabalhara com dores fortes, quase se arrastando por entre os corredores da casa grande, sempre na obrigação de atender aos chamados da mulher dona de tudo – a Senhora. A fazenda já não era mais a mesma, não havia nenhum senhor que determinasse as ordens por ali. Era a mulher quem mandava e dominava. Mandara dar cabo da vida do marido. Ele não valia muito também, nem a respeitara como esposa. Não se perdeu grande coisa.

Em um tempo não muito distante, a Senhora descobriu que seu homem se deitava com Kinte, embora soubesse e tivesse a certeza de que ela era forçada ao sexo, já que não lhe cabia a recusa, a mulher mandara açoitá-la durante dias e noites intermitentes. Akim, sangrava por dentro ao ver a amada ser duplamente violada, pelo branco estuprador e pela Senhora, que conseguia ser pior em suas punições. Era pra serem livres. Havia um documento assinado em algum lugar que dizia que eram livres. Não sabiam de liberdade alguma. Não foram apresentados a ela...

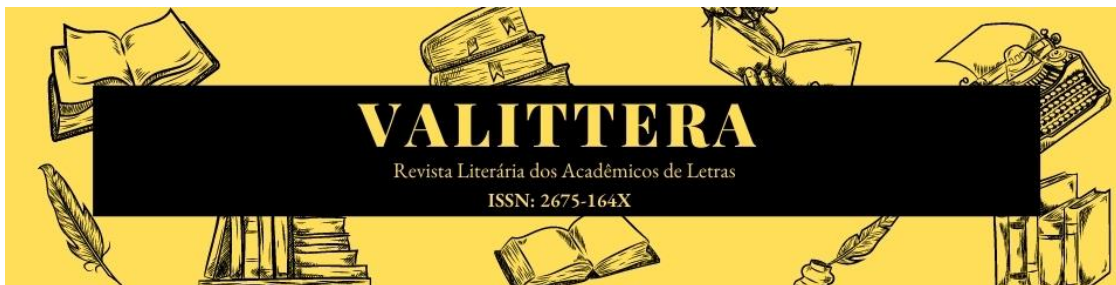
¹Rosângela Aparecida Cardoso da Cruz, pesquisadora da Literatura de autoria feminina, voltada à escrita de mulheres negras, especificamente à *Escritura* de Conceição Evaristo. Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: rocardoso1974@hotmail.com



Havia alguns dias que Akim e Kinte tinham se amado loucamente, rolaram com ardência por sobre as palhas de cana e embolaram-se com elas, entre o gozo e a dor de ter suas peles nuas brutalmente arranhadas pela aspereza das folhas no canavial. Nada importava, estavam sedentos pelos corpos e o amor que os alicerçava. Gozaram juntos. Ambos não sabiam se teriam outra chance. O doce sabor do beijo se misturava às águas salobras que lhes escorriam das faces. O choro contido num abraço do qual não queriam mais nunca sair. Seria muito pedir a eternização daquele abraço, Zambí?, pensaram sem apartar o entrelace negro que os envolviam. Os amantes juraram amor eterno, único momento em que sorriam com o mais profundo de si, eles não disseram palavra alguma, o silêncio primordialmente falou mais alto. O que ambos não sabiam é que mais alguém cruzaria seus caminhos, o amor fora selado e a semente negra lançada no ventre. No ventre negro de Kinte. Haveria de frutificar. Haveria de ser livre!



Depois de três dias no açoite, a mulher mandou que descessem o corpo retalhado da negra que fora estuprada pelo branco proprietário, então senhor dono das terras, das leis, dos corpos negros. Tudo lhe era de sua pertença. No entanto, a Senhora não se dobrava aos seus caprichos falo-hegemônicos, ela também determinava as ordens por ali, sabia usar da palavra. A mulher não se conformara com a traição e decidira dar cabo também do homem que era seu. Seria melhor assim, ficaria com tudo, pensou. Ele já fizera outras vezes, tantas vezes, que ela se cansou. Era Senhora, afinal. Não haveria de suportar mais essa desonra. Determinou que Akim assim o fizesse, sob pena de padecer também, caso houvesse algum tipo de recusa. Não haveria! Ele tinha sede de pôr as mãos no homem que machucava a sua Preta, era a sua oportunidade. Seria rápido.



O branco dono de tudo sabia que, depois de tantos dias no açoite, aquela mulher escravizada não teria forças para lutar e arranhá-lo, como sempre fazia. Nunca houve um só dia em que ela não lutasse contra a violência que sofria, contra os socos que recebia, contra aquele membro que lhe rasgava carne sem a sua permissão. Ela não emitia uma única palavra, mas o homem queria que ela chorasse, gemesse, emitisse ao menos algum grunhido, mas a resistência se fazia sem um único murmúrio. Kinte era inteira silêncios. Assim, ele a machucava por todos os lados. Além de agredi-la violentamente, ele a machucava de todas as formas. Precisava se sentir homem, macho, precisava provar a si a própria virilidade, e fazia isso machucando o amor de Akim.



Jogada num canto qualquer do estábulo, enquanto seu companheiro igualmente era forçado aos caprichos da Senhora, que planejava uma emboscada para o homem dono de tudo, Kinte sentiu novamente aquelas mãos asquerosas tocarem seu corpo com violência. Ela sangrava. Jorrava por dentro e por fora. Ele despiu-se até os joelhos e a jogou sobre uma bancada qualquer. Iria machucá-la profundamente. Precisava fazê-la doer. Afinal, sentiu-se ridicularizado por sua própria mulher a noite inteira e precisava descontar em alguém. Sim, era ela quem determinava e gostava de inverter as funções, ele é quem devia gemer, sentir dor, choramingar, enquanto os dedos da mulher o penetravam com força e certa selvageria. Ela gostava. Era assim que chegava ao gozo. Menos com Akim, com ele Senhora se fazia riacho doce, era inteira calmaria. Ela o usava também, mas ordenava que ele fosse o animal, o bicho, o selvagem. Ela o enxergava assim. Um bicho... Entregava-se!



Sem nenhuma condição de reagir, Kinte só fechou os olhos igualmente tomados por bolsões de sangue e esperou que fosse ferida novamente, era a própria morte. De repente, sentiu um gosto diferente na boca, espesso, quente... com algum esforço, conseguiu abrir um dos olhos. O homem esguichava sangue através de um corte fino que lhe atravessara a



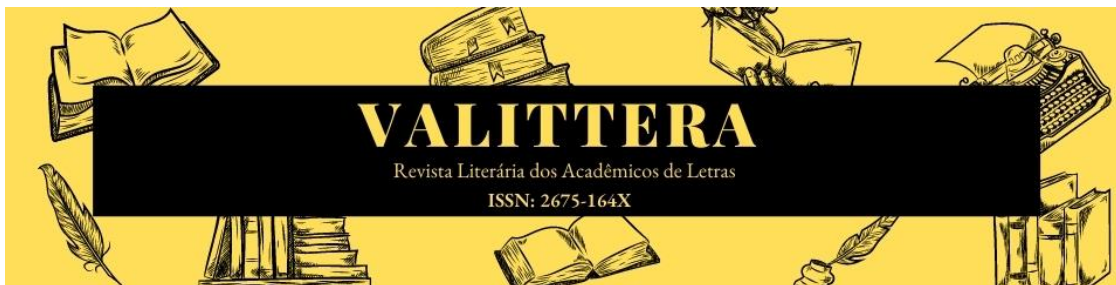
garganta. O seu homem, seu Preto, tirara aquele peso de cima do seu corpo já ferido e o jogara de lado, pegando sua amada nos braços para cuidar e tratar de tão terríveis ferimentos. Decidiu levá-la até a velha Babuê, precisava de suas sabedorias e benzimentos. Ali não se era permitido pronunciar o nome da Preta anciã, os donos de tudo assim determinaram, pois a consideravam sinônimo de saberes ruins. Na verdade, ela era boa e muito sábia, dominava a profecia das palavras, mas isso só se dava quando necessário, sobretudo se um dos seus necessitasse.

Debaixo dos cuidados de Babuê, Kinte começou a melhorar, enquanto isso seu homem sofria com toda sorte de loucura e sadismos da Senhora. Quando sentiu que já era hora de maltratar a jovem negra novamente, mandou que Akim a trouxesse. Contudo, antes de saírem, Babuê revelou a ambos sobre a semente preta que germinava no ventre da jovem. Ambos sorriram, apenas entre eles era possível sorrir em meio ao inferno que viviam. A semente era preta. Haveria de ser forte, não havia sido contaminada pela violência sofrida por parte daquele que perdera a vida machucando Kinte. A terra era fértil. Terra Preta!



Forçada a todos os afazeres da casa grande, a grávida se esforçava para dar conta de tudo, não podia correr o risco de ser açoitada, carregava uma sementinha preta dentro de si. Assim, além de ser forçada a presenciar o homem seu em cópula com a mulher dona de tudo, ainda tinha que servi-la, como se tivesse nascido apenas para aquilo. Não era preciso dizer nada, em silêncio sabia que isso não duraria muito. Precisava apenas que a semente vingasse. Pouco tempo antes de a criança vir ao mundo, a mãe já havia decidido, seria chamado Akim, como o pai, ou Alike, mas ela não haveria de contemplar essa riqueza, não lhe seria possível, sabia disso.

Depois de tantos dias no açoite, uma de suas pernas jamais voltara a ser como antes, não tinha firmeza no andar, arrastava-se pela casa. A barriga pesava, mas não lhe era permitido o descanso. Numa das noites em que a Senhora se embolara com Akim e caíra em sono profundo, houve um combinado entre Kinte e o amado – o pai deveria fugir para longe com o fruto, pois ali não seria solo fértil para seu crescimento, era preciso reencontrar-se



com os seus. A velha Babuê haveria de ajudar, a única que restara, pois também não conseguira acompanhar os que se foram, tamanho o peso dos anos.

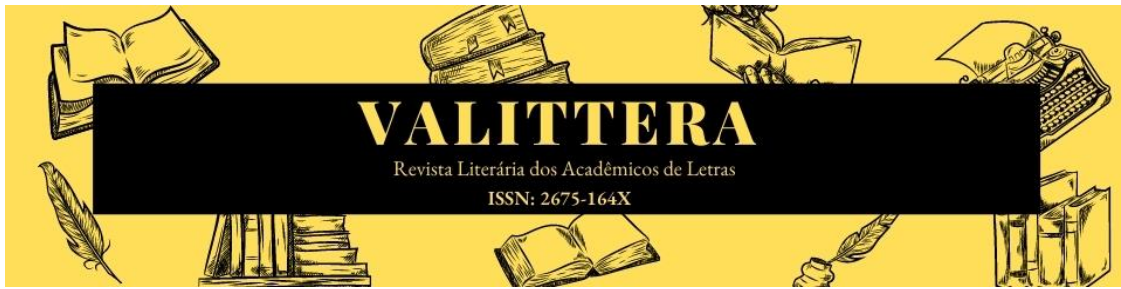
Kinte e Akim ficaram para não a deixar sozinha... os outros falavam numa tal de liberdade, numa tal princesa, numa tal abolição que nunca chegara de fato. Quando se foram, não puderam levar nada, nem um único couro para dormir em cima – mas diziam que seriam donos de terras. Haveria de existir uma terra de Pretos, um lugar onde pudessem entoar cantos aos ancestrais, onde pudessem sorrir. Não era possível saber em que lonjura estavam, mas nenhum nunca retornou. A vida seguiu igual nas terras da Senhora dona de tudo, muitos açoites, muitas ordens e ações desumanas. Não havia humanidade ali, tudo cheirava escravidão, choros, lamentos e mortes.



Um dia de muito trabalho e muitas dores, nenhum murmúrio ou gemido, a barriga, embora pesada, não crescera muito. Alike ou Akim haveria de ser miúda ou miúdo, mas seria forte e cresceria longe dali. O homem de Kinte foi obrigado a todos os caprichos da mulher dona de tudo, para que o fruto viesse ao mundo com algum sossego. Ele se submetera a coisas deploráveis, mas fizera ciente de que seria tudo em proveito dos seus. A bebida preparada por Babuê com certa antecedência e agora já maturada, fora misturada no licor da Senhora dona de tudo. Ela nem percebera. Sempre que terminava de saciar sua sede por sexo, bebia, bebia e bebia. Naquela noite, bebeu, bebeu e apagou-se.



Era já avançado da noite quando um choro estridente explodiu, rasgando o silêncio da noite. A lua, em sua imensidão de cheia, fazia-se alta no céu, como se contemplasse a chegada da pequena, sim, era Alike. Miúda, mas de choro forte. Haveria de ser forte. A mãe, abraçada à filha, chorou copiosamente, sabia que aquele era o único momento em que a sentiria nos braços. O pai chorava em silêncio, pois igualmente sabia que seriam seus últimos momentos ao lado das duas mulheres que mais amara na vida. Agora havia Alike, era preciso



lutar por ela. Não ali, precisava buscar outras terras, onde o pretume dos seus se tornasse húmus para o crescimento da semente preta que vingara do seu amor.

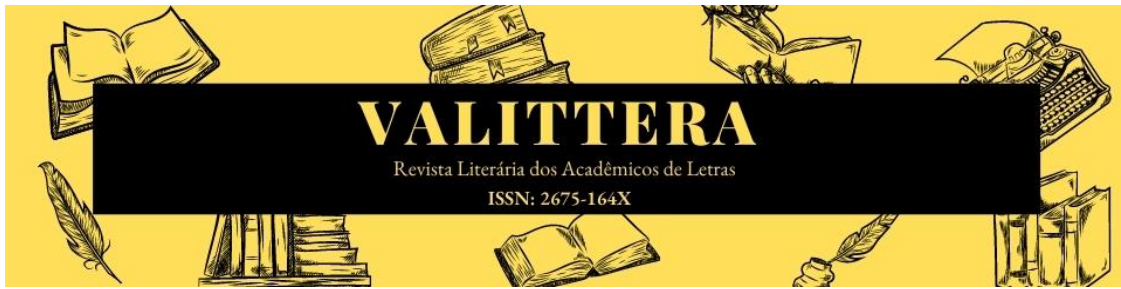
Embora tenha relutado muito, Akim sabia, era preciso seguir, deixar para trás a Preta da sua vida, e também aquela que lhe trouxera ao mundo, para a velha Babuê já não restava muito tempo, e a amada também abreviaria sua hora. Haveriam de se reencontrar um dia no Orum. Assim, Akim tomou a pequena nos braços, deu um beijo na face da velha Babuê e em sua amada, deixando-as no estábulo. Seu coração sangrava dilacerado, tinha que deixar ali os dois amores da sua vida. Tinha que deixar um pedaço do próprio coração naquela despedida. Saiu em disparada, abraçado a um pequeno cesto. Sangrava-lhe a alma pensar em olhar para trás. Havia vida dentro do cesto. Era preciso seguir em frente, mesmo tendo seu peito estraçalhado por dores viscerais. Era preciso seguir.



O sol já ia alto quando a mulher dona de tudo despertou. Chamou, chamou, mas ninguém veio atender aos seus gritos enraivecidos. Logo chegaria uma leva de outros trabalhadores para morar na colônia da fazenda e servi-la, na casa e nas lavouras. Eram brancos. Pobres, mas brancos! Ela sabia disso, mas tinha fetiche mesmo era por maltratar e violentar os poucos negros que sobraram ali. Sentia-se poderosa, muito mais que o homem que antes fora dono de tudo. Agora era ela quem mandava e desmandava, sim, uma mulher, a dona de tudo!

Em suas memórias, sabia que também sofrera inúmeros abusos apenas por ser mulher, fora violentada sexualmente pelo próprio pai, irmãos e tios, a mãe morrera quando era ainda muito jovem e ela fora a provedora do sexo aos homens da família, até que aquele que fora dono de tudo a comprara por uma quantia considerável. Jurara para si que ainda seria a dona, dos homens, das terras, das posses, do sexo, dos negros..., enfim, não havia sentimentos ali. Tudo fora uma questão de tempo.

Ao sair rumo ao estábulo, de longe vislumbrou dois corpos pendurados no esteio. Aproximou-se e constatou que se tratava da negra que a servira na casa grande e da velha



Babuê. Deduziu que Akim se fora, ou suicidara-se também nalgum canto da fazenda. Amaldiçoou-os. Quem haveria de lhe preparar o guisado de domingo? Malditos negros, pensou. MALDITAS NEGRAS, vociferou. De repente, ao longe, ouvia-se um burburinho de vozes que se aproximavam e adquiriam forma em meio à poeira da estrada. Tudo estava certo. A vida seguiria e o status não haveria de ser alterado. Continuaría a dona de tudo.

Por onde andariam Alike e o pai? Teriam encontrado a terra dos negros? Teriam sobrevivido? O fruto preto daria sementes outras em terras férteis? Não era possível saber. Não ainda...